



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura do contrato de concessão da Usina Hidrelétrica
Belo Monte**

Palácio do Planalto, 26 de agosto de 2010

Minha querida companheira Erenice,
Meu querido companheiro Márcio,
Meu querido companheiro Luís Inácio Lucena Adams – ele estava
querendo colocar Luís Inácio Júnior. Eu falei que não é importante colocar.
Companheiros deputados federais,
Meu querido companheiro Nelson Hubner, diretor-geral da Aneel,
Carlos Raimundo Albuquerque Nascimento, diretor-presidente da Norte
Energia,
Senhores representantes das empresas do consórcio,
Companheiros dos fundos de pensão, da Funcef, da Petrus e da Previ –
acho que todos contribuíram, aí, cada um com 10% de participação neste
projeto,
Meus companheiros e companheiras,

Acho que nós precisamos guardar o dia de hoje na nossa memória e,
quem sabe, no livro que vai contar a história do setor elétrico brasileiro. É uma
pena que não esteja aqui a nossa Ministra do Meio Ambiente. Certamente, está
ocupada com outro projeto.

Mas o que está acontecendo hoje aqui é o fim de um período em que as
pessoas tinham medo de governar; o fim de um período em que as pessoas
tinham medo de debater. E o que está acontecendo hoje aqui, que vai passar
para a história, é que nós estamos tornando possível algo que durante 30 anos
parecia impossível.



Por que é que se tornou possível uma coisa que era impossível? Porque o Estado brasileiro é mais Estado do que era um tempo atrás. Porque a Eletrobrás voltou a ser uma empresa participante do mercado e porque o Estado brasileiro entendeu que se ele não entrasse no compartilhamento de responsabilidades de uma obra dessas, sozinha, era muito difícil alguma empresa privada assumir a responsabilidade de fazer uma obra com o custo que tem a nossa Hidrelétrica de Belo Monte.

Mas também se tornou possível porque nós resolvemos quebrar os preconceitos, as barreiras. E não quebramos isso como durante um longo tempo neste país foi feito, em que o Estado não dava a menor importância para aqueles que estavam do lado de uma hidrelétrica gritando que estavam sendo prejudicados e, em vez de conversar, muitas vezes o Estado os tangia de lá com os seus aparatos policiais.

Nós aprendemos, já na discussão de Jirau e Santo Antônio... E apenas uma correção, Zimmermann: não é daqui a 30 meses que vai funcionar a primeira turbina. Uma primeira turbina já vai funcionar ainda em dezembro de 2011, e a Santo Antônio vai funcionar, já, a usina, em março de 2012. Portanto, nós teremos aí menos de 20 meses com – já - turbinas funcionando.

Nós resolvemos, então, conversar com pessoas, e vocês sabem que ainda tem gente contra. Vocês, certamente, acompanham os panfletos, os manifestos, os processos na Justiça contra. Não apenas contra Belo Monte, contra qualquer projeto de hidrelétrica. Às vezes contra o Luz para Todos porque tem gente que não quer que leve energia à casa do índio porque vai mudar a cultura do índio. Tem gente que não quer... Tinha gente que dizia que eu não gostava de música clássica. Eu não gostava porque eu nunca tinha ouvido. Mas uma vez eu ganhei um prêmio na Áustria, e fui a Viena assistir a um concerto, fiquei apaixonado e me perguntando por que não me deram chance de ver aquilo muito tempo antes.

Então, nós vencemos também essa parte do preconceito, com uma



discussão séria, e ainda temos a disposição... por isso fizemos um decreto e por isso criamos um grupo de trabalho, para que a gente apresente, concomitantemente – não é depois –, aquilo que as pessoas que serão afetadas direta ou indiretamente pela construção de uma hidrelétrica irão receber como benefício do projeto.

Na medida em que a gente apresente concomitantemente e a gente comece a fazer as duas coisas simultaneamente, as pessoas vão perceber que nós não as estamos enganando, que nós estamos trabalhando sério nessa questão social, que nós estamos partilhando os benefícios que o Estado brasileiro vai receber com o seu desenvolvimento, com aqueles que historicamente ocupavam as áreas que nós vamos precisar ocupar.

Obviamente que qualquer pessoa de bom senso sabe que o projeto que nós estamos empreendendo hoje é menos agressivo ao meio ambiente do que era o projeto original. O projeto original, no mínimo era 50% maior do que este projeto, o lago era muito maior. Na medida em que a gente começa a compreender que a questão ambiental também não é uma questão secundária, como a gente tratou durante muito tempo, e que nós precisamos levar a sério essa questão ambiental, nós, então, passamos a compreender que era possível fazer um projeto melhor, mais adequado, e tivemos mais gente do nosso lado, tivemos mais gente compreendendo. Você não foi mais atacado por facão. Nós vimos, quando eu fui lá na cidade de Altamira, nós vimos índios falarem defendendo o projeto, a prefeita defendeu o projeto, o governador... a governadora defendeu o projeto. E nós estamos hoje aqui dizendo: finalmente, nós vamos começar aquilo que já era tido como perdido no cenário das hidrelétricas brasileiras.

Acho, Zimmermann, que nós precisamos melhorar um pouco ainda as coisas que nós fazemos no setor elétrico. Por exemplo, na última reunião de que eu participei com todo o setor elétrico, muitas vezes nós colocamos uma usina de 50 megawatts no mesmo bojo de uma discussão de usina de 3 mil



megawatts, 2 mil megawatts, e às vezes você perde o mesmo tempo para discutir uma usina de 50 megawatts. É preciso que a gente comece a separar, por importância estratégica para o país e para o desenvolvimento, as discussões, que se criem fóruns diferentes porque os problemas são muito diferentes.

Eu até brincava, esses dias: se é verdade que a gente não pode fazer Tijuco Preto – é isso? – por conta das cavernas, nós vamos ter coragem de dizer que não é possível fazer. O que não dá... o Antônio Ermírio de Moraes era jovem quando ele queria fazer aquilo. Ele já está, já está... É Tijuco Alto? Tijuco Alto. Já faz 40 anos que se fala em Tijuco Alto: pode ou não pode, pode... e aquilo está no mapa do Ministério, aquilo está na prateleira do Ministério, aquilo está na Casa Civil, aquilo está na Presidência. Ora, se não pode fazer, digamos que não pode fazer e tira do mapa, e vamos pegar outro assunto e discutir. Por que é que a gente fica perdendo tempo com coisa que a gente sabe que não vai dar certo?

Agora estamos para fazer o lançamento da Ferrovia Oeste-Leste, na Bahia. Ontem eu viajei com o Ministro dos Transportes e ele me dizia o seguinte: “Mas tem o problema da caverna”. Eu falei: gente, ó, se tiver, se tiver caverna lá embaixo, vamos mudar logo esse projeto e passar por fora da caverna. Por que ficar teimando com a caverna se a gente sabe que não vai poder passar por cima da caverna? Por que ficar teimando? Porque alguém colocou no papel?

E aí, quando a gente faz isso, aparecem as coisas malucas que eu acho que vocês todos deveriam colocar no papel para a gente fazer um livro, das coisas hilariantes que acontecem no Brasil e que ninguém assume responsabilidade. Às vezes aparece um osso, as pessoas pensam que encontraram um sítio arqueológico, e passam-se anos, ali, parada a obra, e depois foi uma coisa que não era de nenhuma importância. Há pessoas que acham uma pedra e acham que parece um machadinho indígena, e para a



obra oito meses, ali, para tentar ver, depois descobre que não é nada. E ninguém arca com o prejuízo, ninguém arca com a responsabilidade, ninguém diz quanto o povo brasileiro está pagando por esses atrasos, por essas irresponsabilidades.

Então, eu, agora, pedi até para fazer para mim... Eu gostaria que quem trabalha em hidrelétrica fosse colocando no papel os casos hilariantes. Tem casos certos, tem casos de denúncia que são certos, porque também no meio de muitos projetos de engenharia feitos neste país tinha gente tentando passar trambique que não era possível passar, e que hoje não é mais possível passar.

Então, nós temos consciência de que fazer as coisas bem feitas custa mais barato, é mais eficaz, leva menos tempo e a gente tem mais apoio. Tentar fazer a coisa malfeita custa mais caro, a gente arruma muito inimigo, tem muito protesto e as coisas não acontecem.

Eu, agora, quando fui inaugurar o viaduto lá na BR-101, no Rio Grande do Sul – eu já pedi para o Paulo Sergio que eu quero fazer um monumento à perereca –, uma pererequinha que parou a obra durante seis meses, estudando... E agora tem outro problema que descobriram lá: um lugar que parece que tem a ova dela e que está paralisado também. Então, quero fazer um monumento para essa... se ela é tão importante, fazer um monumento para essa pererequinha, junto com a placa do viaduto.

Então, eu gostaria, companheiros, eu gostaria de dizer para vocês o seguinte: eu, daqui a quatro meses, não serei mais presidente da República, mas eu tenho fé em Deus de estar vivo para ver Belo Monte ser concluída. Eu sei o tanto que muitos de vocês brigaram, eu sei... o Silas está aqui, o ex-ministro, o quanto que ele tentou fazer isso andar, e eu acho que nós chegamos no ponto. Nós encontramos um ponto de equilíbrio, porque o estado do Pará não pode ser apenas um exportador de minério de ferro. Nós estamos discutindo levar para lá, já fomos começar a terraplanagem de uma siderúrgica, é preciso desenvolver aquele estado. E como desenvolver se a gente não tiver



energia farta para levar para lá, e tem um potencial extraordinário? Já Tucuruí e, agora, Belo Monte.

Então, eu quero agradecer, Erenice, primeiro, à Casa Civil, porque quando as coisas chegam à minha mão para decidir elas já estão tão mastigadas que parecem um caldinho, uma canja, o mais difícil já foi feito. Eu quero agradecer ao ministro Zimmermann e aos ministros que vieram antes dele, porque todos trabalharam.

E dizer para vocês que a construção de Belo Monte é apenas a demonstração de que não existe nada impossível. Quando alguém quer fazer, alguém é perseverante e alguém tenta descobrir todos os obstáculos para vencê-los, a gente consegue fazer. Então, hoje é uma vitória da diplomacia do setor energético, que resolveu conversar mais do que brigar; é uma vitória da diplomacia do governo, sobretudo do estado da nossa querida governadora, que deveria estar aqui, mas por uma questão eleitoral não pode estar aqui, mas todo mundo sabe que o governo do estado tem uma importância enorme quando quer que um projeto desses aconteça, porque tanto você pode instigar gente para ser contra, como gente para ser a favor. Vocês não imaginam quantos discursos eu fiz contra Belo Monte, sem nem saber o que era. Me diziam “fala”, eu falava. E é exatamente no meu governo que acontece Belo Monte.

Então, eu acho que é uma vitória... é uma vitória do setor energético brasileiro, sobretudo depois da decisão que a gente tomou de fortalecer a nossa Eletrobrás, ou seja, não adiantava nada a gente ter uma empresa pública que era proibida de participar de leilão, era proibido construir. Então, não existia. Existia apenas para receber a dívida de Itaipu. Hoje não, hoje é uma empresa que tem capacidade de aportar recursos, tem capacidade de assumir compromissos. Eu tenho dito aos companheiros: quando alguém não quiser fazer, vamos dizer que a gente faz, porque na hora em que a gente assumir fazer, os parceiros aparecerão. Não dá... governo nenhum pode



trabalhar com espada na cabeça. Essa política de “dá ou desce”, para governo não serve.

Então, nós estamos preparados, as nossas empresas estão preparadas... (incompreensível) não fique rindo não, que a eclusa é agora em setembro, meu filho, e eu estou indo lá.

Então, eu quero dar os parabéns a vocês, a todos que participaram desse leilão, a todos que vão ser parceiros, e eu penso que nós estaremos vivos para desmistificar as coisas que contaram sobre Belo Monte.

Eu já pedi para você me arrumar, Zimmermann, Samek, todas as histórias que contaram sobre Itaipu. Itaipu, quando a gente estava fazendo... eu era contra Itaipu também, eu era contra. Hoje ninguém faria Itaipu, sobretudo, hoje ninguém cobriria as Sete Quedas, porque aquilo foi uma violência... Quem conheceu as Sete Quedas, como eu conheci, não poderia efetivamente a gente ter coberto de água aquilo lá.

Mas o dado concreto é que Itaipu, diziam que iria mudar o eixo da Terra, diziam que iria mudar a temperatura na região, diziam que iria ter terremoto, diziam que... Os argentinos diziam que era para inundar Buenos Aires. É preciso a gente pegar todas as coisas hilariantes que foram falando ao longo do tempo para a gente poder ir provando... e também as coisas boas, que nos alertaram para melhorar os projetos, mas para a gente mostrar as coisas absurdas que muitas vezes justificam o atraso a que este país foi submetido. A gente poderia estar uns dois, três, quatro degraus à frente, mas por essas coisas todas nós nos complicamos e a coisa não andava.

Eu acho que agora, depois disso, fazer o Complexo Tapajós, fazer as hidrelétricas-plataformas, que eu gostaria que a gente discutisse mais a sério, não ficasse só naquele filminho que você faz, Zé Antônio. Eu já vi aquele filme umas 30 vezes, é preciso sair o projeto concreto agora, para a gente começar a discutir e começar a colocar em prática.

No mais, gente, parabéns. Eu espero que a gente comece logo as obras



para a gente poder ir fazer uma visita a Belo Monte.

Um abraço, boa sorte e parabéns a todo o setor energético. Para a imprensa, o companheiro Márcio Zimmermann vai falar com a imprensa, agora, sobre o setor energético.

(\$211A)